

Radical Paulistano

CAPITAL

ORGÃO DO CLUB RADICAL PAULISTANO

PROVINCIAS

Trimestre. 34000
Semestre. 68000
Anno. 128000

Trimestre. 48000
Semestre. 74000
Anno. 138000

S. Paulo, Segunda-feira 7 de Junho de 1869.

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas:

Descentralização;
Ensino livre;
Polícia electiva;
Abolição da guarda nacional;
Senado temporario e electivo;

Extinção do poder moderador;
Separação da judicatura da policia;
Suffragio directo e generalisado;
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;
Presidentes de provincia eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunales superiores e poder legislativo;
Magistratura independente, incompativel, e a escolha dos seus membros fora da acção do governo;
Proibição aos representantes da nação de ace-

tarem nomeação para empregos publicos e egualmente titulos e condecorações;
Os funcionarios publicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO « YPIRANGA » E NA RUA DA BOA VISTA, N. 29. AVULSO 300 RS.

RADICAL PAULISTANO

S. Paulo, 6 de Junho

A bandeira caminha!

Não com surpresa nossa, que confiamos sempre na mocidade, e muito no caracter paulista, mas com certa estupefacção do publico, estão sendo notados de um modo honroso e cheio de respeito alguns moços deputados da actual assembléa pela energia independente e franca, com que erguem-se no terreno das idéas, lançando de si a rede dos preconceitos e conveniências.

Estão á frente daquelle generoso grupo de leaes batalhadores do futuro—Campos Salles e Jorge de Miranda. Firmes na estacada dos genuinos principios da doutrina liberal, tendo em torno de si companheiros em tudo dignos delles, taes como Prudente de Barros, João e Bento de Paula Souza, Araujo Cintra, Campos Toledo e alguns outros, são elles na actualidade e naquella recinto os que aos olhos do povo representam o povo e o futuro.

A nobre altivez, com que repellem a transacção das conveniências e a politica das especulações, honra nelles as tradições heroicas da nobre e leal provincia de S. Paulo, já tanta vez postada na vanguarda da politica liberal do paiz.

Honra lhes seja a esforçada abnegação!

A bandeira, que levantam, é talvez pezada como a cruz do Calvario, mas é a nobre, a leal bandeira do povo!

Honra aos moços, que de tal arte abrem escola aos velhos!

A crise actual do paiz é a repetição da legenda de Dencilio e Pyrra:

Os justos e os honestos estão condemnados a caminhar sem voltar os olhos para traz.

Dos destroços do velho mundo, que forem arremessando para longe de si, ha de nascer a geração destinada a povoar o mundo novo.

O programma do Centro Liberal

Na introdução do programma do Centro Liberal ainda encontramos uma these digna de todo o reparo, e a respeito da qual faremos hoje algumas considerações.

Diz a referida introdução: «A descentralização, no verdadeiro sentido do *self government*, realisando-se o pensamento do Acto Additional quanto ás franquezas provinciales, dando ao elemento municipal a vida e a acção de que carece, garantindo o direito e promovendo o exercicio da iniciativa individual, animando e fortalecendo o espirito de associação e restringindo o mais possivel a interferencia da auctoridade.»

Esta parte da introdução do programma do Centro além de nos parecer contraria aos verdadeiros principios fundamentaes da escola sinceramente liberal, julgamos achar-se em contradicção consigo mesma.

A descentralização no verdadeiro sentido do *self government*, não pôde ter lugar, senão quando as provincias de um imperio dirigem por si os seus negocios, quando ellas, independentes do centro commum, estudam as suas necessidades, legislam sobre ellas, e executam, sem interferencia directa ou indirecta do poder central, aquillo que julgam util ás suas necessidades particulares.

Só deste modo pôde existir uma verdadeira descentralização, somente nestas condições pôde ter lugar o *self government*, no rigoroso sentido da palavra.

A ser isto uma verdade, e de difficil contestação, é fóra de duvida que o Centro, proclamando como um dos fundamentos da escola liberal «a descentralização, no verdadeiro sentido do *self government*,» deria consagrar immediatamente a eleição dos presidentes de provincias pelas respectivas provincias; ao menos assim o exigia a logica dos principios, a que era forçoso obedecer, ainda que as verdades fundamentaes da escola liberal não o obrigassem a proceder de um modo identico.

O *self government* é o governo da si mesmo; nestas condições, é fóra de duvida que as provincias não o poderão ter enquanto os seus presidentes forem de livre

nomeação e demissão do poder executivo, e não eleitos por ellas, continuando assim o governo geral a intrometer-se na sua administração e nos seus negocios peculiares.

As attribuições de um presidente, em sua quasi totalidade, pertencem ao mundo da administração, e esta, pela sua propria natureza, não pôde competir senão á provincia; a não ser, pois, o presidente uma auctoridade constituída por esta ultima, mas uma creatura nomeada por s. m., e de sua confiança, teremos em vez de um governo liberal, a centralização com toda a sua força e os seus perigos, em lugar do *self government*, o governo do poder central, o despotismo imperial com todo o seu cortejo de males, e que tantos estragos tem causado a este desventurado paiz.

A vista disto, é evidente que o Centro Liberal, estabelecendo a descentralização, no sentido do *self government*, como um dos principios fundamentaes do partido liberal, não podia, sem incoherencia limitá-lo logo depois, dizendo: «realisando-se o pensamento do Acto Additional quanto ás franquezas provinciales;» porquanto nós não encontramos no pensamento desta lei a electividade dos presidentes das provincias pelas respectivas provincias. No caso contrario, para que essa redundancia de frases e confusão de idéas, quando uma these mais comprehensivel, menos confusa e sophistica poderia vir a significar a mesma cousa:—electividade dos presidentes de provincias.

Si o Centro Liberal dissesse que era um principio fundamental do partido liberal a descentralização no sentido do *self government*, realisando-se o pensamento do art. 1.º § 1.º do projecto de reforma approvado pela camara dos deputados em 13 de Outubro de 1831, que diz: «O governo do imperio do Brazil será uma monarchia federativa,» então concordariamos que elle tinha consagrado a existencia de um principio liberal, respeitando os preceitos da logica. Mas, proclamar a descentralização, deixando as provincias presas á tutela do poder central, dando a este o direito de nomear e demittir livremente a sua principal auctoridade, são para nós cousas que se não podem ligar, por possuirem duas naturezas inteiramente contradictorias.

E', pois, fóra de duvida que o Centro Liberal, no these que analysamos, além de não estabelecer um principio liberal, procurou firmar a concordia de duas idéas que se repellem necessariamente.

Nós porém, mais harmonicos com o nosso modo de pensar, e menos timoratos na exposição das nossas idéas, queremos a descentralização como base do nosso governo, aceitando com franqueza e sem receio todas as suas consequências.

Ha neste nosso modo de proceder, além de uma coherencia de principios, um tributo de veneração e respeito á grande obra do partido democratico; manifestada oficialmente nesse projecto de reforma, de que já fallámos, approvado em 13 de Outubro de 1831 pela camara dos deputados, que então manifestara a opinião do partido liberal do paiz.

Essa bandeira, que continha em si as bases fundamentaes de um governo livre, o unico que poderia satisfazer as nossas necessidades e aspirações, foi entretanto rota e despedaçada em suas bases essenciaes pelo senado, nas emendas que fez, approvadas em 31 de Julho de 1832, e que, destruindo completamente a sua natureza e contrariando o seu sentido, fez com que o nobre esforço da revolução de 1831 abortasse em suas consequências, nada se conseguindo de firme e duravel para a democracia.

Entretanto o maior de todos os males não foi este de certo, mas a posição estacionaria, em que se collocou desde então o partido liberal, o as mistificações, porque foi passando, e em que ainda procura permanecer. E' verdade que algumas tentativas locais se fizeram em favor da liberdade, porem que, não possuindo um character generico, e sendo desviado do seu verdadeiro terreno, não poderão alcançar senão prejuizos para a causa do liberalismo e vantagens para o elemento imperial.

Foi no meio dessa confusão triste para o presente e assustadora para o futuro, que os radicaes, tendo em mira a regeneração do partido liberal e a salvacão do paiz, arvoraram a bandeira, que encerra em si todos esses dogmas fundamentaes, que o partido liberal tem sus-

tentado no correr de nossa historia politica, e principalmente nas occasiões, em que elle tem sido chamado a manifestar francamente as suas idéas.

Assim pois o nosso programma está na historia do partido liberal: nós somos os verdadeiros liberaes historicos, fazendo reaparecer a bandeira liberal dos nossos avós, que parecia estar sepultada no somno e no esquecimento.

Este grande serviço nos deve o paiz, este dever nós o cumprimos; e se nada mais podermos conseguir, o que é um impossivel, ao menos podemos dizer que alguma cousa tentámos em favor dos direitos do povo e da causa da democracia.

Feitas estas considerações, é fóra de duvida, que o Centro Liberal, querendo a descentralização no verdadeiro sentido do *self government*, porém sujeita á nomeação dos presidentes de provincias ao imperador, não estabelece um principio fundamental da escola liberal, mas uma opinião conservadora, tentando ligar a centralização com a descentralização, o principio liberal com o erro conservador, tendo em vista finalmente ligar objectos que nem se podem approximar. E', pois, o programma do Centro pela quarta vez incoherente e contradictorio. E além de tudo, não pôde de modo algum representar a opinião do partido liberal historico do Brazil, por quanto, não só é em demasia deficiente para esse fim, como está em muitos pontos em opposição com as idéas sustentadas por esse partido em nossa historia politica; o que já provámos, ainda que de um modo geral, mas nem por isso menos verdadeiro.

A camara pensionista

Existe no meio da Europa, entre aquellas nações infatuadas, mas submissas e circumspectas do mundo antigo, um povo imprudente, audaz e turbulento, que desadora pela sua liberdade, e aborrece a tutela dos governos paternaes—com um odio violento e desengañado.

Todas estas antigualhas politicas resuscitadas pelos utopistas d'este seculo, como a independencia municipal, o jury, o parlamento e o voto do imposto, todas estas instituições democraticas, que esterilizam a auctoridade, todas estas idéas filhas do orgulho popular que pretendem nivelar o genero humano perante a lei, tudo isto existe no seio daquelle desventurado paiz desde tempos immemoriaes.

Já nos principios do seculo XIII, quando as nações europeas dormiam, na bemaventurança do absolutismo, um somno delicioso e profundo, aquella gente incorrigivel teve a insolencia de levantar a vista em presença do throno, e de erguer a mão contra o ungido do Senhor, obrigando-o a assignar um pacto de insubordinação permanente, a que deram o appellido de *magna carta*, e em que tanto se falla ainda hoje.

Era preciso soprar naquella solo o germen da humildade e da obediencia, que enobrecem os povos e consolidam os governos.

Foi então que o Omnipotente suscitou a gloriosa dynastia dos Stuarts, veneranda raça de monarchas, que, apoiando-se nas paginas dos livros sagrados, baseavam no direito divino a legitimidade do despotismo, e iam entretecer a linhagem da realza moderna com as divinas prerogativas de David e Salomão.

Infelizmente, porem, aquelle terreno ingrato repeliu a semente abençoada. O povo inglez, povo de sediciosos indomaveis, não respeitou sequer a existencia do seu monarcha. Carlos I desceu do throno para subir ao patibulo.

Tempos depois, morta a republica, e vingado o sceptro com o martyrio dos reprobos patriotas, tornou com elle o saudoso dominio daquelle familia predestinada.

Carlos II personificava a ordem, a moderação, a justiça, a razão de Estado e a liberdade bem entendida. Comprimia as consciencias, mas era para esclarece-las, contrariava o poder legislativo, mas para embargar-lhe os excessos, violava a constituição, mas para aperfeiçoá-la, perseguia os liberaes mas para emancipar o paiz desse flagello, e se ás vezes dissipava oegamente os capitães do erario publico, não era outro o seu intuito senão arredar os obstáculos dos homens corrompidos, e ninguém dirá que haja meios cuja impureza não se desvaneca deante de um fim tão nobre.

Entretanto um escriptor, aliás detestavel, porem muito admirado pelos seus concidadãos, Junius, teve a ousadia de dizer: «Como hypocrita viveu e morreu Carlos I. Carlos II era um hypocrita de outra especie que merecia a morte no mesmo cadafalso.»

Todavia, apesar das declamações deste pamphletista, apesar da celeuma dos historiadores britannicos, que não se cansam de detrahir a esse rei com os epithetos de tyranno e usurpador, não ha coração bem formado que deixe de invocar para a sua patria o governo de um principe brando, religioso e austero como aquelle monarcha.

Foi sob o memoravel dominio desse bom rei, Carlos II, que a Inglaterra contemplou um espectáculo novo, uma surpresa extraordinaria, mas consoladora, que veio infundir gratas esperanças nos espiritos afeiçoados á ordem, á tranquillidade e á harmonia dos governos absolutos.

Foi então que se viu pela primeira vez na Inglaterra uma camara docil e cordata, que ouvia cheia de respeitosa modestia os dictames do soberano, que tinha por norma a vontade do throno, e que com a mais digna altivez soube immolar a constituição e a liberdade, duas chiméras funestas em que o povo se abroquelou, aos altos interesses da segurança publica.

Não podendo esquecer as agradaveis finezas de seus leaes vassallos, o rei dava-lhes continuamente as mais elevadas provas de fundo reconhecimento, e, para completar os seus favores, conservou a assembléa durante dezasseis annos sem dissolver.

O povo, porém, sempre grosseiro, infiel e rebelde, não trepidou em cuspir nas faces de seus representantes as mais duras affrontas, stigmatizando-os com o mais severo desprezo, e accusando-os solemnemente de servilismo, covardia e venalidade.

O que resume, porem, toda a insensatez da colera popular é o desaso com que esse povo, querendo nodoar os seus mandatarios com uma designação infamante, assignalou-os aos olhos da historia com o mais honroso dos titulos, o titulo de—Parlamento pensionista.

Parlamento pensionista, sim, nada mais honroso do que este nome!

Queriam porventura que os legisladores nacionaes, que devem ser em toda parte os typos irreprehensiveis da probidade publica e privada, offercessem aos seus compatriotas um exemplo de escandalosa ingratitude contra o soberano que não se desdenhava de estender-lhes a mão cheia de ouro e de graças?

A quem deviam elles a vida, a força e o prestigio senão ao rei? E ha preço com que se paguem tais beneficios? Que muito pois, que, em troca de tanto amor, lhes dessem elles o apoio, a consideração e a honra?

Insignificante pago de tão extraordinario valimento, Nós estamos actualmente numa situação analoga.

Uma camara unanime e compacta escuta religiosamente as decisões do soberano, e converte-se em leil pressurosa e sollicita, como o antigo parlamento francez sob o dominio de Luiz XI e Luiz XIV.

E é tal a boa vontade dos nossos legisladores, tanto se tem civilisado o parlamento brasileiro, que, em vez de discutir, registra os projectos ministeriaes, e de assembléa politica acha-se transformado n'uma repartição de chancellaria imperial.

Invejavel estado!

Orgulhosa Inglaterra, vinde tomar connosco o exemplo do verdadeiro systema representativo!

Sim, congratulemo-nos todos!

Pois quem deve ser o constituinte dos corpos legislativos, o rei ou a nação? O rei illustrado, magnanimo, indicioso, ou a nação estulta, ignorante, desconfiada e selvagem?

Ainda agora o vasto e insondavel orçamento da fazenda acaba de ser approvado silenciosamente, sem que um só voto discrepasse do quadrante real, sem que uma só palavra agitasse a superficie daquelle imponente mudez!

Finalde o grão-vizir, vexado por um acanhamento inconcebivel, forcejava por salvar as apparencias, suplicando aos augustos deputados que abrissem uma discussão larga e minuciosa...

Appellamos para os nossos concidadãos. E' necessario que este acontecimento estrondoso fique esculpido

A Bibliotheca Municipal de S. Paulo

em traços lapidários nos annos de nossa politica. E' preciso, pois, um caracteristico indelevel que grave na mente da posteridade a lembrança da assemblea legislativa de 1869.

E porque não havemos de chamar a CAMARA PENSIONISTA?

Pensionistas do rei! Não receeis que lhes assente mal o nome por demasiadamente glorioso! Não!

Foi o rei que os escolheu, que os designou, que os elegou; é o rei que os protege, que os sustenta e que os engrandece. Confessemos tambem que filhos mais extremos, não os ha, nem pôde haver.

S. M. portanto não os esquecerá. Hoje distribue-lhes sorrisos. Amanhã mandará dar-lhes a mezada.

Sejamos justos tambem para com elles. Já que não lhes podemos dar os nossos cofres, trabalhemos para dar-lhe a popularidade num termo significativo, chamando-os a CAMARA PENSIONISTA!

E amanhã, quando a historia chegar, ficará extatica deante desta maravilha, e murmurará cheia de assombro: — A CAMARA PENSIONISTA!

O centro e os radicaes

As meas medidas, e as irresoluções, em politica, provam a fraqueza dos partidos e a sua incapacidade perante as nações.

LA VICONTE.

Os programas dos partidos são os estandartes arvorados para os certames das ideias, e pensadamente postos na vanguarda das falanges combatentes.

A diversidade das ideias contidas nos programas, proveniente de omissões, de restricções ou de accrescimos de exigencias, constitue — differença de vistas, que tendem a extremar-se; esta differença assigna e caracteriza as aspirações dos grupos, das facções e dos partidos.

O augmento ou a diminuição de exigencias inscriptas nos programas é o calculado estabelecimento da linha divisoria entre os grupos ou fracções partidarias, que vivem da reflexão e do patriotismo, ainda quando proveham de um ponto commun e almejem o mesmo desideratum.

Os partidos nada mais são do que os meios directos ou indirectos de atingir a um certo e determinado fim, e, á semelhança dos exercitos, servem tanto para derrocar as nacionalidades, como para a justa defeza dos paizes.

Tres grupos ou formas especiaes na ordem politica-social; os centros que servem-lhes de ponto de partida.

E' tão absurda a identidade entre o genero e as especies, que della decorrem, como a similitude entre estas, que são notadas pela sua dissimilitude.

Assim como a modificação de um pensamento importa precisamente a alteração de certa ordem de ideias pre-estabelecida, e constitue outra differente, a modificação dos programas acarreta a desmembração ou fraccionamento dos partidos.

Como em mathematicas o augmento ou a diminuição de uma unidade importa alteração manifesta das quantidades, nos programas politicos o augmento ou a diminuição de aspirações precisam, de modo terminante, as differencias das fracções.

A prova inconcussa destes assertos importa, com applicação ao Club radical e ao Centro do partido liberal, a mais formal negação do synchronismo, que estadistas e escriptores, aliás notáveis, procuram mostrar, com summa habilidade, entre estas duas importantes porções do grande partido liberal.

O Club radical, visando os extremos da sociedade no Brazil, pretende e quer a realisação do ebionismo politico em toda a sua plenitude; o Centro, porém, evitando as lides terminaes, propõe com estudado atilamento, uma aliança amistosa entre o Olympo e o Golgotha.

O Centro não pôde aceitar o programma do Club sem declarar-se democrata.

O Club não pôde submeter-se ás doutrinas do Centro sem que commetta um suicidio formal.

O Club procura com affouteza reivindicar as glorias da nação nobilitando um grande povo abatido pelo Cesarismo, e resgatando, com esforço, a autonomia individual usurpada pelos oligarchias partidarias.

O Centro, esclarecido pelas lições da historia, veste-se de borel, á guiza dos frades paladinos da idade média, leva do trabuco e ameaça iracundo os dictadores arrogantes da situação.

O Club tem por fim de sua nobre missão o governo do povo pelo povo, e proclama sem rebuço a independencia do cidadão; o Centro almeja sinceramente e invida esforços pela obtenção de um governo livre para felicitar um povo degradado pelo throno.

O Club repelle as fusões como a causa primordial do enfraquecimento dos principios; o Centro decanta com a mais profunda sinceridade as alianças como necessario meio de suprema salvação dos fracos.

Um prefero o martyrio dos palliativos das ignobis conciliações que aviltem, e marcha impavido ao encontro da victoria ou da derrota.

O outro modifica-se para viver, antepõem as hecatombes da derrota o salvaterio dos armistícios e aos accasos do futuro confia o resultado final de sua causa.

Eis a differença que distingue do Centro liberal o Club radical.

Identifica-los fôra empresa do nescio. Luctar pela victoria da democracia é a causa radical: cumpramos o nosso dever.

As aulas nocturnas

A emancipação do individuo é uma das grandes conquistas dos modernos tempos, é uma significação viva da liberdade constituida e portanto da realisação dos direitos absolutos.

A intelligencia precisa de esclarecer-se para guiar o homem na senda do direito e da justiça, para repellir o arbitrio e a força, que nestas epochas de confusão e de anarchia só procuram levantar o gladio destruidor, para derribar a grande obra da civilisação.

Outrora e ainda hoje, onde a vontade de um só homem se traduz em dogma tremendo em face de uma nação inteira; onde o capricho se legalisa e se escuda com as theorias do direito divino; onde não é dado ao povo que geme e desaparece, comprimido pelos ferros da tyrannia, apontar o destruidor do seu bem estar e do seu futuro; é realmente grande e magestoso o espectáculo do individuo, que se levanta pela intelligencia e se robustece pela convicção, para sondar a fonte, donde se desprendem os males e as desgraças, que constantemente o fazem envergar.

E' com effeito a instrucção a verdadeira columna da liberdade, é ella e só ella, que, esclarecendo os espiritos, os habilita para comprehender o verdadeiro merito, aquilantando com justiça o valor das ideias e a firmeza dos homens.

A grande America ahí está para confirmação desta verdade; as escolas, os jornaes, essas valvulas por onde se transmitem as suas necessidades palpitantes, ahí se apresentam, impondo silencio aos pessimistas calculados.

Entre nós, onde a iniciativa individual procura succudir de si esse pezo incommodo de um poder sem limites; a idea grandiosa do ensino popular já vai alastrando as suas raizes.

As escolas já começam a surdir, para em seus braços affagar os espiritos necessitados do saber, entornando-lhes no seio a luz da verdade e da religião.

A caridade é o seu movel, a verdade o seu fim.

A Loja America foi nesta terra, quem primeiro ergueu o brado de semelhante idea, a ella se deve essa concurrencia esplendida de um sem numero de individuos, que ansiosos procuram estancar a sede de instrucção, depois de ter acodido aos reclamos do trabalho material.

Aprender a ler é na realidade a maior das heranças, que o mundo se pôde alargar; é a maior das riquezas, que o espirito pôde possuir.

Saber ler é voar ao passado, descobrir dentro essas ruinas, accumuladas sobre o coração do mundo, alguma grande verdade assim occulta; é visar nos horizontes longinquos do futuro algum ponto certo, algum termo fatal dos esforços e trabalhos do presente; é reconhecer o grande todo da humanidade, alargando em esphera mais lata e mais franca as vistas da intelligencia, e não encerrando-a no estreito circulo de interesses petiquenos e passageiros; é elevar-se até Deus, comprehendê-lo não por uma fé cega e sem razão, mas pela intelligencia e pelo coração, esclarecido e fortificado pelo saber.

Esperando que o exemplo seja imitado, saudemos com enthusiasmo a Loja America. O mundo agradecido se curvará ante os seus esforços, e Deus lhe distribuirá as benções merecidas.

O embroglio Torres Homem

Segundo as ultimas noticias trazidas pelo Donat, foi excluido do senado o sr. Torres Homem por uma maioria de 19 votos contra 16.

Chamamos a attenção do publico para uma circumstancia mysteriosa, que demonstra evidentemente o character pessoal e a complicação inextricavel da nossa politica. E' a seguinte: entre os augustos representantes que apoiaram com o seu voto a eleição de s. exc. figuram com estrondo cinco nomes liberaes, os srs. Olinda, Silveira da Motta, Octaviano, Souza Franco e Dias de Carvalho, e no meio da opposição que o repelliu apresenta-se em relevo e do sr. barão do Cotegipe.

Qual a chave deste enigma?

Por um lado não é facil comprehender a desunião dos ministros conservadores, que se patenteou irreversivelmente pela attitude contraria em que se collocaram os srs. Moritoba e Cotegipe.

Que motivo induziria o sr. Cotigipe a enfileirar-se na legião adversa ao correligionario que os seus amigos defendiam tão calorosamente, e que o seu collega o sr. Moritoba sustentou com o seu apoio?

Si os nobres ministros ha tão pouco tempo converteram em questão ministerial a exclusão do sr. Saldaña Marinho, desenvolvendo contra elle todo o apparato official do governo, como é que agora, quando se tracta de um correligionario cuja entrada no senado foi a causa ostensiva da sua ascensão ao poder, destroem deste modo a solidariedade do governo? Si o ministro 3 de Agosto tomou como questão de gabinete a exclusão do sr. Torres Homem, não era logico que o ministro Itaborahy considerasse do mesmo modo a sua admissão, quando ella se havia revestido de um character politico, e quando o governo actual ha tão

poucos dias infundio esse character a uma questão analogá?

Depois, basta attender a que a candidatura de s. exc. essencialmente conservadora, e como tal adoptada pelos seus correligionarios, tinha em seu favor os titulos mais serios para que um dos membros do gabinete conservador, o chefe presuntivo do futuro ministerio, não a renegasse publicamente com um voto a que as circunstancias concorriam para dar uma significação extraordinaria.

Por outra parte que principio, que plano, que calculo superior reduziu em prol do grande sacerdote conservador a opinião daquelles cinco membros do partido liberal?

Alguem já se havia lembrado de que o partido imperial, querendo dar ao paiz uma prova da sua austeridade, e mimosear ao mesmo tempo o seu correligionario com uma designação formal, reprovasse a eleição do sr. Torres Homem para mandar elegê-lo segundo todos os estylos constitucionaes.

Agora, porém, um communicado impresso no Jornal do Commercio veio desorientar aos mais abalisados charadistas.

Por este artigo, que tem todas as symtomas de uma ferida recente e dolorosa, e que a malicia de alguns libanos tem chegado a attribuir ao proprio sr. Torres Homem, parecem annunciar-se grandes e inopinadas transformações na atmosphera politica do paiz.

Será porventura algum prenuncio longinquo de nova arribação?

Quem sabe se as brisas remotas da primavera já não começam a ameigar o aza veloz das andorinhas?

Quem sabe?...

Para perfeito esclarecimento dos nossos concidadãos offereçamos-lhes um documento importante do processo. Leiam-no e julguem. E' a correspondência do Jornal do Commercio que ha pouco mencionamos.

E' estratagemá ou despeito? Timandro, o converso, aspirará a novas conquistas?

O paiz que aprecie...

O ILUSTRADO SR. SALLES TORRES HOMEM

A annullação da carta senatorial deste vulto do partido conservador veio patentear aos olhos de todos que o velho partido da ordem (de tão ricas tradições) já não existe, e que restam apenas vestigios dos seus estragos! Para se absolver o abandono em que o governo de 16 de Julho deixou correr no senado a eleição do illustrado sr. Torres Homem, vem-se tomar por madrinha a imparcialidade daquella corporação, como si hoje em dia alguma acodisse na justiça dos partidos.

Um candidato da força do sr. Salles, conselheiro de estado, muito illustrado, alvo da subida dos conservadores ao governo do paiz, combatida a sua eleição pelo autor do desacerto (que honra lhe seja feita, sahira-se victorioso no senado), como parecer da commissão de poderes, assignado até por um opposicionista, não era digno do cerra fileiras dos conservadores?

E nem se diga que nisto existiria violencia de partido, porque o velho conservador o sr. Torres Homem achava-se revestido e fortificado com o parecer de toda a commissão, e com o apoio de muitos liberaes, taca como os srs. Octaviano e Souza Franco.

Si os adversarios prestaram homenagem á validade da eleição da primeira columna conservadora, porque tantos conservadores, e um ministro, amigos politicos de s. exc., tornarão invalida aquella eleição?

Explicuem-se.

Reparem ainda que acharão má vontade da parte do estragado partido conservador ao sr. Salles. O seu orgão, o Diario do Rio, havia, ha dous dias, cantado victoria e proclamado como legitima a eleição do sr. Torres Homem, dando por batido o autor do desacerto (o sr. Zacharias) pelo sr. barão das Treas-Barras, defensor, por parte da commissão do senado, daquella eleição. Quem não vê em tudo isto incoherencia politica, falta de disciplina no partido?

Quanto a nós, conservador da velha guarda, com magua confessamos-nos destracados.

Ora, é um guerreiro general, chefe de partido, dando a guerra por finda, e o governo CONTRADIZENDO-o; ora, é um illustrado conselheiro, summidade do mesmo partido, que declara sua eleição legitima e muito legitima, e é combatida e annullada essa mesma eleição com o concurso dos seus amigos!

De tudo quanto relatamos, dê-nos que, tendo o sr. Salles parecer em seu favor, governo de sua politica, senado em maioria, e amparado por liberaes, fosse sacrificado pelos seus correligionarios!

Não remedeia nada, não consola a victima que se dá o senado por imparcial, quem tinha por si todos os elementos, até os adversarios!

Procure-se a razão do desmantelamento do partido na frieza com que se portou o governo para com a eleição do sr. Salles.

E senão digam-nos:

Não havia dito o honrado sr. conselheiro de estado o sr. Torres Homem que a sua eleição era valida, e não foi s. exc. acompanhado por todos os conservadores da provincia do Rio Grande do Norte?

Não o declarou o grande orgão do partido conservador, o Diario do Rio?

Ha de custar-nos a crer que o sr. Salles appelle para

sua reeleição, no dominio de amigos que o sacrificarão, e desmentirão categoricamente tudo quanto s. exc. avançou a favor da sua legitima eleição senatorial.

Não foi, pois, o Diario do Rio quando dá como certo esse passo de s. exc.

A illustrada redacção ha de permitir-nos que não ponhamos embargos, depois, e desde que deixou suas palavras ter expressão e força no seu partido.

UM CONSERVADOR.

(Jornal do Commercio.)

Finanças

A commissão de orçamento, no seu parecer a respeito da proposta do governo que fixa a receita do imperio para os exercicios de 1869 a 1870 e 1870 a 1871, faz as seguintes confissões que incumbem registrar para sciencia do paiz:

Primeira. — A despesa do imperio está orçada em 83,435,464\$034. A receita, incluindo 6, 701,000\$000, estimativa dos novos impostos estabelecidos na lei de 1867, approximar-se-ha de 73,056,000\$000. Resulta um deficit de 10,379,464\$034.

Que admiráveis não são, pois, os recursos do ministerio da fazenda!

Adverta-se que em 1867 o nosso deficit orçava pela mesma quantia, e daqui uma de duas: ou os onerosos impostos que se votaram para cobrir essa differença foram inefficazes, e neste caso devem sê-lo tambem os actuaes, pois a despesa, e portanto a dívida, não tem cessado de crescer, ou a má administração do ministerio Itaborahy é a fonte exclusiva desta aggravação que se patenteia na penúria de nossos cofres.

Segunda. — A guerra do Paraguay tem nos consumido cerca de 350,000,000\$000. Não se terminou ainda. Exige sacrificios constantes, crescentes e extraordinarios. Cada vez mais se augmentam as despesas com a continuação da guerra, e a dívida publica cresce com o seu andamento.

Tercera. — Os juros pagos annualmente quer com a dívida fundada, interna ou externa, quer com a fluctuante, incluídos os excessos de cambio para a remessa de fundos, approximam-se a 29,000,000\$000, isto é, mais da terça parte da renda geral.

Ora, si a guerra proseguir, não podendo ser a despesa deste anno menor que a do anterior, teremos um dispendio de 107,000,000\$, por conseguinte mais de 7,000,000\$ de premio, os quaes, acrescentados aos 29,000,000\$ já mencionados, completam a somma de 36,000,000\$ que a não ha de desembolçar só em juros, isto é, metade da nossa receita que, segundo a commissão da camara silenciosa, não excede a 73,056,000\$000.

Agora outras considerações.

De todas as propostas de despesa submettidas até hoje pelo governo ao corpo legislativo, antes do gabinete de 16 de Julho, nenhuma attingiu á cifra do orçamento apresentado pelo sr. Zacharias. Pois bem! o sr. Itaborahy foi muito além.

Quando não, attenda o leitor.

Repartição do Imperio. — Ministerio Zacharias: 4,932,966\$. — Ministerio Itaborahy: 5,004,412\$.

Ministerio de estrangeiros, nesta repartição a proposta do gabinete actual excede a anterior, em 93,000\$.

Marinha. — Para esta pasta reclamou o sr. Itaborahy mais 1,124,000\$.

Adverta-se que no orçamento da marinha figura a seguinte verba: « Despesas extraordinarias e reservadas 280,000\$.

Guerra. — Excesso da proposta actual sobre a do ministerio passado: 14,326,000\$.

Abençoado seja o sr. d. Pedro II, que sabe distribuir com tanta generosidade a fortuna desta humilde feitoria! Congratulemo-nos com os nossos concidadãos pelo rissonho futuro desta fecunda actualidade!

O que são 36,000 contos de juros? O que valem 100,000 contos annuaes contra a bolsa do paiz, quando temos a fonte inexgotavel dos empréstimos, do imposto e do papel-moeda?

E' uma futilidade para um governo magnanimo como o actual, e para um rei fidalgo como o nosso!

Opinião Conservadora

Sahi antontem nesta cidade mais um jornal.

Traz o leitreiro de Opinião Conservadora.

E' anonymo.

Aonde irão seus redactores buscar principios e ideias para formular bandeira, é o que veremos, pois todos sabem que a doutrina conservadora não é um compendio de principios, mas sim um formulario de expediencias.

Em todo caso, esperemos o milagre dos novos Colombos.

Elles apresentam-se como — santelmo de paz e de boas ideias.

Safa!

Vá com vista ao sr. Pires da Motta e ao sr. Paulo, redactor em chefe do Diario.

Propala-se que aquelle novo archote conservador é signal evidente de que a grey saquarema da provincia já está dividida em saquaremas radicaes ou historicos, e saquaremas do pão de ló.

Isto, em boa parte, explica a sancta e exemplar resignação, com que está mudo e quieto o Diario, não sómente deante do Ypiranga, mas ainda em frente dos deputados provinciaes.

oscilações da vontade, busca dar-lhe a melhor direcção.

Aquella força é a liberdade.

Esta voz interior é a razão.

Ella geme quando o homem é livremente conduzido por sua vontade a praticar uma acção má.

Ella se alegra quando o homem, apesar dos impulsos da vontade, pratica uma acção boa.

Liberdade, vontade, razão, eis o círculo em roda do qual vão mover-se todos os actos humanos!

A liberdade escolhe, a vontade quer, a razão censura ou louva.

A educação paterna encarrega-se de desenvolver e dirigir todas estas faculdades, collocando em primeiro lugar a razão. Só é justificável a intervenção do Estado no caso de completo abandono.

Mas o homem não vive só para a família, precisa cultivar sua intelligencia a fim de poder prestar serviços á sociedade, á qual tudo deve.

Para avaliarmos a importancia deste dever basta recordar que cada homem utiliza-se do trabalho de todas as intelligencias. Sendo assim, por mais que se esforce e trabalhe, nunca poderá retribuir o beneficio recebido.

Esta observação é sufficiente para justificar o direito que tem o Estado de obrigar todos ao cultivo de sua intelligencia na proporção e extensão exigidas pelas profissões que livremente escolher cada um.

Não auctorizando o exercicio de profissão alguma sem que o individuo tenha provado que possui a serie de conhecimentos necessarios, o estado cumpre seu rigoroso dever; mas não deve intervir por modo algum na direcção daquelle ensino.

Entretanto o que vemos nós?

O altar e o throno alliam-se para estender o véu negro da ignorancia sobre toda a extensão do nosso Brazil. Um bispo tresloucado expulsa todos os mestres do seminario de S. José e os substitui por padres lasaristas. O governo demitte professores publicos quando estes, suppondo-se cidadãos de um paiz livre, votam nos candidatos da opposição. O ensino publico vai ser monopolizado pelos jesuitas.

Vem aqui á proposito reproduzir algumas palavras que escrevemos, ha mezes, e foram publicadas em um jornal desta capital:

« O altar e o throno. Eis a origem do partido conservador! Dessa alliança monstruosa não podia nascer senão o despotismo representado por aquelle partido.

« São os conservadores os auxiliares do throno.

« São os jesuitas os auxiliares do papa.

« Quando o throno e o altar se dão as mãos, jesuitas e conservadores fundem-se em um só partido.

« Entregam ao clero a educação do povo.

« Inoculam no paiz o fanatismo, promovendo a imigração de fanaticos de outros paizes.

« Nem se diga que declamamos. Ah! vão os factos: «

« Começou a desembarcar em nossos portos grande numero de allemães. Algumas colonias se fundaram, que ainda prosperam no paiz.

« Uma força desconhecida paralisou essa corrente.

« O colosso americano nos abriu os braços, offerecendo-nos alliança offensiva e defensiva, que teria salvado o paiz das humilhações porque vai passando, e da bancarrota que nos ameaça. As populações do sul da America voltiam ansiosas suas vistas para o Brazil. Mais de duzentas mil familias, ricas e industriasas, queriam felicitar este paiz, trazendo-lhe suas fortunas, intelligencias e braços. Não vinham, como outros, ganhar nosso dinheiro e retirar-se. Queriam ser brasileiros, queriam que o Brazil os aceitasse como fillos.

« Uma força desconhecida fez abortar esse projecto.

« Tivemos medo dos allemães.

« Tivemos medo dos americanos.

« Na correspondência do Mercantil na Inglaterra vamos descobrir a deciação do mysterio.

« A unica imigração que possa corresponder ás vistas do governo imperial é a imigração catholica irlandesa.

« O Irlandez accede sempre á direcção do parochio, não só em cousas espirituas, como em negócios politicos.

« Os Irlandezes, dizia o diplomata conservador, sr. Sergio Teixeira de Macedo, são bulhentos nos seus bairros; mas votam sempre com acerto.

« Os allemães, pelo contrario, que nos seus bairros observam muito socego e ordem, votam nas eleições com os turbulentos.

« Os Irlandezes consultam o padre, antes de votar, e seguem seus conselhos.

« Os allemães trazem a cabeça cheia de theorias...

« Eis ahi a deciação do mysterio!

« Si nossas matas estão desertas; si nossa lavoura deflha por falta de braços; si, apesar da extensão e riqueza de nossa terra, somos uma nação pequena e fraca; á quem devemos agradecer estes bellos resultados?

« Ao dominio conservador, aos diplomatas conservadores, ao sr. Sergio Teixeira de Macedo.

« Elles não querem colonos que saibam lavrar a terra, e trazem theorias na cabeça.

« Elles querem fanaticos que saibam rezar, e que, nas eleições, recebam do padre a cedula que vão depositar na urna.

« O governo imperial (o mesmo que ainda continúa no poder e acaba de fabricar uma camara unanime) concede agora passagens de 7 libras aos irlandezes catholicos, que desejem cá vir estabelecer-se. Offerece também terras, e adianta instrumentos de lavoura com vantajosas condições.

« São desordeiros; mas recebem a cedula do padre.

« Os allemães são laboriosos, reina entre elles socego e ordem, disse o sr. Sergio de Macedo; mas pensam, antes de votar, trazem theorias na cabeça; não podem convir ao governo do Imperador!

« E' porisso que o sr. Itauna quer obrigar os directores de collegio á levarem seus meninos todas as semanas á explicação do cathicismo pelo padre.

« Os mestres ensinam no collegio o cathicismo. De nossos paes aprendemos á amar a religião. Vamos a igreja ouvir missa, confessar e communhar, quando nossos paes e mestres julgam chegada a occasião opportuna.

Tudo isto não basta. E' necessario receber directamente a lição do padre; é necessario que o façamos por ordem do sr. Itauna; é necessario que nossa educação seja igual á dos Irlandezes catholicos, que recebem a cedula do padre porque não trazem theorias na cabeça.

Reproduzindo as linhas acima foi nosso fim mostrar que não poderemos ter no Brazil ensino livre, enquanto não afastarmos dous grandes embarços:

Os jesuitas e os conservadores.

(Continuaremos.)

chegardes aos ultimos, já outros terão brotado.

A liberdade dos individuos está suspensa.

O cidadão já não acha em sua casa um asylo inviolavel e sagrado.

A sua vida já não é garantida.

E ousais dizer que este infeliz Brazil é um paiz governado pela monarchia constitucional?

Quando a constituição for respeitada; quando os poderes politicos girarem cada um na sua esphera; então sim podeis dizer isto.

Hoje porém a corrupção tem lavrado em grande escala.

E como, não ha de ser assim se o exemplo nos vem de cima?

Si o nosso monarcha foi educado do mesmo modo que Carlos VIII, no seguinte principio:

Quis nescit dissimulare, nescit regnare?

Lembra-vos, porém que a realza não é sinão um cargo publico, de que tendes de dar contas inuito severas depois de vossa morte; que a vossa familia pode soffrer com isto.

E nem se diga que declamamos. Vede esses infelizes individuos de Lorena, que acabam de ser pronunciados no art. 192 pelo unico crime de terem abraçado a sancta causa da liberdade e de terem amado seu paiz.

Olhai simplesmente para essa peça magestosa publicada pelo chefe de policia.

Quando tiverdes lido e examinado parte por parte esse immenso relatório convencer-vos-heis, que é já tempo de despertar desse somno profundo que se tem apoderado de nós.

O motivo invocado pelo relatório de serem os presos mandantes do barbaro assassinato do coronel José Vicente vai completamente desaparecer com as reflexões seguintes:

Diz o relatório, na 1.ª columna, que o chefe de policia chegou a Lorena no dia 2 de Março.

Na segunda columna diz:

No dia 13 a viúva do coronel José Vicente deu a sua queixa.

Vede e admirai!

A pessoa mais interessada na punição dos culpados, isto é, a mulher do fallecido coronel, sabe que se acha em Lorena uma auctoridade, que foi unicamente tractar do processo contra os assassinos e não se lembra de mandar a sua queixa sinão no dia 13!

Ella já sabia quaes eram os criminosos, pois que, como diz o relatório na 3.ª columna, a opinião publica unanimemente indigita estes individuos como mandantes do barbaro assassinato.

E no entanto só depois de passados muitos dias é que elle apresentou a sua queixa!

Isto porém ainda podia ser attribuido a desleixo, por isso passemos adiante.

Na 3.ª columna diz elle:

Resolvida e decretada a morte do coronel José Vicente não foi confiado o plano urdido sinão a João Maximo, incapaz de fazer a menor declaração.

Ainda diz mais abaixo:

Teve a cautela de reservar de não fazer menção dos nomes do padre Manoel Theotônio, e Vicente Luna quando referiu ao prelo Vicente os nomes das pessoas importantes implicadas no crime.

Logo, concluímos, o unico capaz de accusar a estes era João Maximo.

Porém, se este nada declarou nem antes da inquirição nem nesta, como se chegou ao conhecimento de que estes dous individuos se achavam implicados nesse crime atroz?

Será porque como diz o relatório é elle creatura cega e humilde do padre Manoel Theotônio e feitor de Vicente Luna, que é concluído que estes eram os mandantes?

Porém, se assim fosse, esta circumstancia, da qual se tiraria sinão uma prova indubitavelmente irrefragavel, não poderia ser pronunciada no art. 192?

Não vedes que assim não havia segurança possível sinão para o individuo, que viesse isolado?

Não vedes que assim, em lugar de ser uma vantagem a vida social, era pelo contrario prejudicial ao individuo?

Si algum dia um escravo vosso commetter um assassinato, o encarregado da formação da culpa poderá concluir que foste vós o mandante e pronunciar-vos no art. 192 do codigo criminal.

Vede bem as consequências que emanam desta theoria.

Diz mais o relatório na columna 3.ª.

Si não ha prova plena nos autos de que foram mandantes do crime os liberos indigitados, ha prova indiciaria ou circumstancia etc.

E mais abaixo:

Nenhuma duvida resta, está plenamente verificado que a morte do coronel José Vicente de Azevedo foi um assassinato politico.

Contradição palpavel!

Não quer o chefe de policia que se falla em perseguição politica e no entanto esta contradição vem demonstrada claramente.

Bem-se vê o espirito que dominou o autor do relatório publicado no Diario de 20 do corrente.

Na 1.ª parte, levado pela evidencia dos factos e pela falta completa de testemunhas, declarou que não havia prova plena.

Na 2.ª parte, dominado por um miseravel espirito de partido, pois a outro motivo não pode elle ser attribuido, disse que estava plenamente verificado.

Com que segurança ousais afirmar que foram elles os mandantes e pronunciar-lhes no art. 192?

Ja mostrei que essa pronuncia, fundada unicamente em uma prova indiciaria fraquissima, não podia de nenhuma sorte ser justa; por isso esperamos da justiça do tribunal da relação que essa pronuncia não será sustentada.

Quando se puder punir um individuo por simples indícios fraquissimos não haverá liberdade possível nem garantia aos direitos do homem.

Para satisfazer á uma paixão deixa-se que os verdadeiros mandantes fiquem impunes e talvez praticando hoje outros factos semelhantes.

Infeliz Brazil!

...

Acordemos a tempo

Os povos, assim como os individuos, tem direitos absolutos e sagrados, que á ninguém é dado violar.

Qualquer ataque á existencia, ou manifestação destes direitos, arrasta immediatamente a punição do aggressor.

São duas verdades intuitivas que até hoje nenhum espirito sério deixou de reconhecer.

A marcha da civilização e o progresso da humanidade tem proclamado, hoje mais do que nunca, a inviolabilidade destes direitos.

Nossas liberdades são completamente postergadas pelo braço ferreo do imperador. O povo, atacado nos seus direitos mais sagrados, não pôde reagir. Como Sansão, atado á columna, elle tem consciencia de sua força; mas não se move para não produzir o desabamento deste edificio, que chama sua patria. Desatemos as cadeias que

o prendem a fim de que possa lutar contra seu oppressor.

Todos os brasileiros que contra a vontade do soberano, o qual se deixa pardo pelo as trevas do espirito, tiveram a falcidade de aprender a ler, percorram uma por uma as paginas da nossa constituição; meditem com calma sobre as instituições raticas e progressistas do nosso paiz, sobre a monstruosidade politica que se chama — poder moderador, — hydra formidavel, ante a qual tudo desaparece, até a magestade do povo; reflectam mais ainda sobre os funestos resultados que provem da realisação pratica destas instituições, e estamos certos de que encontrarão ahi a causa dos tropeços constantes que nos impedem de caminhar.

O governo do povo pelo povo, esta maxima que hoje deve achar-se no frontispicio das legislações de todos os povos civilizados, foi completamente esquecida na constituição, que infelizmente nos rege.

A eleição directa é a unica que pôde attingir este grande resultado.

O povo não carece de intermedio de alguém para manifestar a sua vontade; elle mesmo distingue e conhece quaes são os homens que, por sua probidade, suas luzes e seu amor ao progresso geral, estão no caso de merecer a sua escolha. Estes serão então os legítimos representantes da nação, enquanto aquelles, cuja eleição é feita por intermedio de um certo numero de individuos, estão longe de poderem hovar-se com a mesma origem.

Nada de ficções: a realidade acima de tudo.

O povo precisa fiscalisar de perto os seus interesses; ninguém é tão competente como elle para semelhante fim.

Si os brasileiros tivessem tido a felicidade de se regerem por estes principios, não haveriamos de lamentar os desmandos de um poder, que trabalha sem cessar para a nossa ruína.

E' já demasiada tolerancia; levantemo-nos quanto antes para repellar as tendências despoticas que nascem do alto do throno; acabemos com tantas barreiras que nos embargam a marcha e conservem-nos fracos e immoveis, em quanto as outras nações da Europa e America, soltas de tão funestas cadeias, lá vão subindo...

sempre subindo nas azas da liberdade.

Acordemos a tempo!

A. C. B.

CHRONICA

Lenha para a fogueira. — Informam da carta que o famigerado bispo fluminense prohibio alli que as lojas maçônicas celebrassem nas egrejas funeraes em suffragio do visconde de Inhaúma.

Eis ahi os proprios defensores do altar e do throno a ajuntarem lenha para a fogueira que ha de em pouco tempo reduzir á cinzas os palacios e grandezas do nosso... Sardanapalo

Pollcia politica. — Na terceira columna do relatório do chefe de policia sobre os negocios de Lorena lê-se o seguinte

Si não ha prova plena (contra os liberos) ha pelo menos prova indiciaria.

Mais abaixo:

Fica pois plenamente provado que o coronel José Vicente de Azevedo foi um assassinato politico.

Então, senhor Guimarães, em que ficamos, a prova foi plena ou indiciaria?

Miseravel espirito de partido!

Elemento servil. — Ha dias um fazendeiro, querendo provar que a liberdade não convém aos escravos, empregou o seguinte argumento, realmente forte:

Os deputados actuaes vão propor leis contra a liberdade!

« Radical Paulistano ». — Em virtude de ter mudado de casa a typographia do Ypiranga, onde se imprime este jornal, não pôde elle ser distribuido na segunda-feira passada.

Club Radical Paulistano. — São convidados os membros desta associação para comparecer, sabbado 8 de Maio, ás 5 horas da tarde á conferencia que deve reunir-se na rua da Boa Vista, n. 29.

Guerra do Paraguay. — A nova phase. — Com este titulo recebemos um folheto contendo duas cartas: uma de Montevideu de 15 de Março, e outra de Assumpção, de 31 do dito mez.

Escreitas em estylo simples, porém elegante e argumentador, essas cartas mostram de um modo irrecusavel o quanto foi prejudicial ao exercito a fuga vergonhosa do sr. duque de Caxias, o como o bravo soldado Osorio (soldado, porque a um militar tão superior outro nome não cabe) é estimado no exercito, os erros gravissimos que se seguiram depois dos combates de Dezembro, e ultimamente o acto impolitico, e sem qualificação do nosso governo na celebre proclamação ao povo paraguay.

O illustre auctor destas cartas faz sobressahir no meio dos grandes erros, em que esta guerra tem caminhado, o seu character pessoal; finalizando com um pedacinho de ouro, que aqui transcrevemos: Aniquilemos primeiro o inimigo de nossa patria e liquidemos depois as contas da guerra. Não seja o dia da liquidação o dia da bancarrota publica, quando não restem mais ao paiz nem elementos de progresso nem homens de sua confiança para dirigirem os seus destinos futuros!

Imprensa Academica. — Com este nome appareceu no dia 24 do corrente o primeiro numero de um periodico hebdomadario, primorosamente escripto.

Os talentosos academicos que se acham a sua frente, alguns dos quaes já bastante co-

nhecidos pelos seus triumphos na imprensa e na tribuna, são uma garantia do merecimento litterario desse jornal, a quem desejamos sinceramente a gloria, que almeja, e de que é merecedor.

Casulistica administrati-

va. — Do Diario da Bahia de 10 do mez pasado transcrevemos o seguinte officio do famigerado sr. Alencar, sobre uma questão de incompatibilidade suscitada na provincia do Piahy:

« Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1869.

— Ilm. e exm. sr. — Em officio n. 14 de 20 de Novembro do anno findo, expõe v. exc. que, tendo sido nomeado supplente de juiz municipal o dr. Newton Cezar Burlamaque, engenheiro das obras provinciaes e encarregado de outros trabalhos pelo ministerio dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, parece-lhe inconveniente ao serviço publico a accumulção do exercicio das respectivas funções, verificando-se neste caso a terceira hypothese de aviso n. 89 de 4 de Junho de 1847. E. S. M. o Imperador, a quem foi presente o dito officio, houve por bem mandar declarar á v. exc. que entre os dous cargos existe incompatibilidade para impedir a nomeação e não para cassal-o, estando já feita; e que, com quanto o exercicio de um tolha o exercicio de outro, sendo supplente e não juiz effectivo o engenheiro, de que tracta v. exc., e existindo outros supplentes que servem durante o seu impedimento, a administração da justiça não soffre detrimento tão grande que exija a nomeação de outro.

« Deus guarde á v. exc. — José Martiniano de Alencar. — Sr. presidente da provincia do Piahy. »

Do contexto deste aviso deduz o senso comum as seguintes illações: 1.ª que o ministro reconhece a existencia da incompatibilidade, em virtude de lei expressa, no caso vertente; 2.ª que, sem embargo da illegalidade, considera o acto legitimo, por já estar feita; que, no seu entender, as infracções deixão de se-lo pelo facto de passarem do dominio da theoria para o da realidade; 4.ª que uma decisão administrativa pôde legalisar a illegalidade expressamente formulada no direito positivo.

Se a indole de s. exc. não fosse tão afflicta aos estudos amenos, attribuiriamos esta subtilidade jesuitica a alguma reminiscencia das paginas do Larraga.

O publico que aprecie.

Meetings. — Já se na Opinião Lib-

ral: « A 2.ª Anglo-Brazilian Times da noticia das c.ªs tendencias radicais: »

« Tivemos o prazer de ver que os liberos do Brazil adoptaram a machina de força, cujo poder foi tão notavelmente demonstrado por Cobden e Bright em sua cruzada contra os monopolios, e começaram a celebrar reuniões nas quaes suas vistas de reforma são manifestadas com a energia de uma rhetorica magistral.

« Em parte alguma a agitação das questões publicas, por meio de meetings chamando o povo á discussão, tornou-se mais necessaria do que no Brazil, onde infelizmente os leitores constituem um numero demasiado pequeno em relação á população.

« Este facto foi reconhecido, e ao dr. Godoy, um brasileiro de talento, e imbuido nas idéas do progresso deve-se um meeting que teve lugar a 4 do corrente (*) onde compareceram alguns senadores, ex-ministros da estado, e no qual o conselheiro José Liberato Barroso, ex-ministro do imperio, pronunciou um brilhantissimo discurso sobre a liberdade religiosa, mostrando quão prejudicial é para a igreja a sua união com o estado.

« Agitate! agitate! agitate! foi o motte de um grande reformista inglez, e acreditamos que se fôr seguido o bom exemplo dado domingo, ha de chegar o dia em que ouviremos falar menos em candidatos governamentais e influencias legitimas, e alguma cousa mais em opinião popular. »

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

COUSA NUNCA VISTA!

Superiores cigarros de palha do Bethléem do Descalvado vendem-se na rua de Ouvidor n. 48 (sapateiro).

A 500 u. o mais.

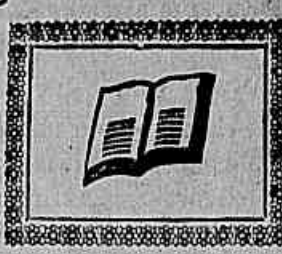
(*) A idéa é dividida ao Club Radical e não ao dr. Godoy, que apenas iniciou-a em uma conferencia anterior á do dr. Liberato Barroso.

COLLABORAÇÃO

Pollcia conservadora

Perseguem os liberos!

Mas que importa? A arvore da liberdade é mui grande; podeis cortar os seus galhos, porque, quando



A. L. GARRAUX

LIVREIRO DA ACADEMIA

SORTIMENTO ESPECIAL D'ARTIGOS D'ESCRITORIO, D'OBJECTOS DE FANTASIA, DE PAPEIS PINTADOS, DE LIVROS, ETC., ETC.

PAPEIS	ARTIGOS DE ESCRITORIO	SAO PAULO	ARTIGOS DE ESCRITORIO	LIVRARIA
Papel de peso. — para cartas. — para luto. — de fantasia. — para desenho. — almaso. — florette. — Hollanda. — mata borrio. — para matar moscas. — para musica.	Pennas Mallat. — de varias qualidades. Lapis Faber. — de pedra. — de cores. Canetas de pao, de borracha, de osso, de marfim, etc., etc. Canetas com pennas de ouro, de ponta de brilhante. Tinteiros de vidro. — de bronze. — de porcelana. — de fantasia. — de viagem.	ARTIGOS DE FANTASIA Caixas de costura. — de perfumaria. Papeleiras de luxo. Caixas de guardar joias. Bolças para senhoras.	Sinetes de osso e de marfim. Lacre de todas as cores. Obreias de colla, de gomma, e para officios. Albuma para desenho. STEREOSCOPIOS Com grande sortimento de vistas. ALBUMS PARA RETRATOS LINDO SORTIMENTO	Livros de direito. — de litteratura. — de devoção. — de educação. — de homoeopatia. — de missa, com capa de velludo, de marfim, de fiadropereira, de tartaruga e de marroquim. LIVROS COMMERCIAES DIARIO, RAZÃO, CAIXA Livros para assentos. — de copiar cartas. — para apontamentos. — de luxo para presentes. — latines, francezes, portuguezes, inglezes, etc., etc. Tinta de copiar cartas. — de marcar roupa.
OBSERVAÇÃO: Marca-se gratuitamente com as iniciais do comprador, todo o papel comprado em nossa casa.	ENVELOPPES Enveloppes commerciaes. — brancos. — de cores. — de fantasia. — forrados de panno. — rendados. — para cartões de visita.	GRANDE SORTIMENTO De benitos artigos de metal, de velludo, de marfim, etc., proprios para presentes, para festas, etc., etc. CHARUTEIRAS DE GOSTO ETC., ETC.	Pastas. Cartões de visita. Bengalias. Caixas de mathematica. Caixas de tinta. Tinta de escrever, carmin, azul, verde. Quadros para photographias.	Manda-se gratuitamente o catalogo da casa, em qualquer ponto do Imperio, sobre pedido.

PAPEIS PINTADOS PARA FORRAR CASAS

Sempre existe o mais variado, o mais completo sortimento de papeis pintados de fabricação franceza, desde o preço de 500 reis a peça para cima. Guaraiques, Rodapés, etc., etc.

Encarrega-se de qualquer encomenda para a Europa. — Assignaturas para os jornaes estrangeiros. — Preços modicos.

6344. — Paris, imprimerie Poitevin, rue Damiette. 2 et 4.

CASAS

Vendem-se em Sanctos as de sobrado da rua do Sal, ns. 20 e 24, com espaçosas salas, bem como as sitas na rua de S. Bento ns. 14 e 14 A. Casas de deposito de café, são todas proximas á estação da estrada de ferro e proprias para armazen. Para tractar-se, em Sanctos, com o sr. João Joaquim Borges, rua da Praia, ou no Rio de Janeiro, Ladeira do Senado n. 10 A, ou nesta cidade, no armazem de louças, Largo da Sé, com Manoel Peiro dos Sanctos Vianna.

200U000

Ha 3 mezes mais ou menos fugiram da fazenda do Chapéu de Sel pertencente a Eugenio Joly no districto de Bethlém de Jundiahy um casal de escravos com os signaes seguintes: Jacintho, creoulo, de 25 annos mais ou menos, bem preto, estatura regular, bem reforçado de corpo, trabalha bem no officio de pedreiro, traz barba só no queixo inferior e bigodes. Levou em sua companhia a escrava Maria, mulata clara de 23 annos, cabellos crespos, estatura regular, magra, tem boa dentadura. Da-se a gratificação acima mencionada a quem capturá-los e entregá-los a Eugenio Joly na villa de Bethlém de Jundiahy. Bethlém, 22 de Março de 1869.

Eugenio Joly.

ATTENÇÃO

PHOTOGRAPHIA ROMANA
29 RUA DE S. BENTO 29

EM FRENTE DA CASA DO EXM. SR. SENADOR QUEIROZ

O dono deste novo estabelecimento participa ao respeitavel publico e seus freguezes que, tendo feito desde esta data um grande abatimento de preços nunca vistos nesta cidade, offerece-se a tirar retratos de todo os systemas conhecidos; portanto espera do mesmo publico a sua concurrencia para acertar-se da veracidade do presente annuncio.

O annunciante obriga-se a servir os freguezes debaixo de toda delicadeza possivel, offerecendo aos mesmos anteriormente um retrato de amostra para melhormente convencer os freguezes da perfeição do seu trabalho.

Preços	
Cartões de visita a duzia	6\$000
» » » » meia duzia	4\$000

GUARDA-LIVROS

Uma pessoa habilitada em escripturação mercantil offerece-se para escrever em casas commerciaes, por qualquer dos systemas conhecidos, mediante modicas gratificações.

Para tractar em casa do sr. Antonio da Costa Coelho.

24 — Rua do Commercio — 24

ATTENÇÃO

De Júlio Lopes de Oliveira, de Sorocaba, fugiram os seguintes escravos:

João, mulato claro, altura regular, cara chata, testa pequena, barba no queixo, bons dentes, tendo a carreira de cima um pouco entrada para dentro, uma cicatriz grande nas cadeiras, levando calça e jaqueta de panno azul com vivos encarnados e botões de metal branco com a letra — P — e chapéu preto envernizado.

Nervindo, mulato, cabellos abrigalhados, altura menos que regular, corpo grosso, o beijo superior saliente, levando calça de riscado, paletot de casimira grossa e chapéu de panno pardo de copa alta.

Antonio, cor preta, bem barbado, bons dentes, rosto comprido, testa grande com entradas, corpo grosso, altura menos que regular, e muito quieto, levando calça e camisa fina e chapéu de junco novo.

Gratifica-se bem a quem os entregar nesta cidade de S. Paulo aos srs. Antonio Proost Rodovalho, Irmão & C., ou ao dito seu senhor na cidade de Sorocaba.

Fugiu de Francisco de Paula Cruz, da cidade de Jundiahy um escravo de nome André, creoulo, com os signaes seguintes: cabra, bello rente, altura regular. Levou um poncho velho e alguma roupa fina. Julga-se ter o mesmo ide para o lado da cidade de S. Paulo, onde é muito conhecido. Foi escravo do coronel Joaquim Floriano de Toledo. Gratifica-se a quem prendê-lo e entregar em S. Paulo ao sr. Malaquias R. de Salles Guerra a em Jundiahy ao sr. Luiz Antonio de Oliveira Cruz.

S. Paulo, typ. do «Ypiranga», rua do Carmo n. 71

HISTORIA DA REGENCIA

ESTUDO SOBRE O ENSAIO DO REGIMEN DEMOCRATICO NO BRAZIL

POR

SALVADOR DE MENDONÇA

Acha-se aberta no escriptorio da redacção do « Ypiranga » uma lista de subscriptores para esta obra, cujo producto será applicado á aquisição de uma pedra para a sepultura do ex-regente Feijó.

A importancia das assignaturas tomadas só será paga no acto da entrega da obra, publicando-se o resultado da subscrição.

SALÃO ACADEMICO COMMERCIAL

PARA CORTAR, LAVAR, FRISAR OS CABELLOS E FAZER A BARBA

N. 8 LARGO DE PALACIO N. 8

O abaixo assignado, querendo em tudo satisfazer os justos pedidos de seus numerosos amigos e freguezes, resolveu mandar contractar um habil artista de cabelleireiro, especialissimo em penteados de senhoras, em fazer qualquer enfeite de cabelo para os mesmos penteados, assim como encarrega-se de fazer chinós, cabelleiras, coques, laços, etc. Tudo por preços muito modicos e a contento de seus amigos e freguezes. Na mesma casa continua a haver grande sortimento de charutos de Havana, hamburguezes e nacionaes, os mais finos e modernos extractos, oleos, sabonetes, tinturas para tingir os cabellos, etc., etc.

S. Paulo, 29 de Abril de 1869.

AVELINO DE SOUZA FIGUEIREDO.

TYPOGRAPHIA DO YPIRANGA

71 RUA DO CARMO 71

SÃO PAULO

Este estabelecimento, perfeitamente montado, dispondo de uma variada collecção de typos modernos, incumbem-se de quaesquer trabalhos, ou sejam obras em volume, ou avulsas, preços correntes, facturas, contas, cartões, circulares, etc.

Garante-se brevidade, nitidez e modicidade de preços.

BRAGANCA

Fazemos vêr aos nossos freguezes que este anno podemos abreviar o descaroçamento do algodão, porque acham-se duas machinas assentadas em uma só casa para este fim, o que muito facilita aos srs. que tenham algodão para descaroçar de poderem remetter com mais brevidade e alcançar melhor preço em Sanctos.

Contamos com os nossos freguezes, afiançando sempre o bom enfardamento, e que para este fim estaremos sempre á testa do trabalho.

Rogamos aos nossos freguezes que, no tirem os fardos da fabrica—façam prompto pagamento—do enfardamento, para no fim não haver duvida, e mesmo o nosso trabalho permite que seja assim, e o bom freguez não desconhece.

Bragança, 18 de Abril de 1869.

Antonio Braga & Irmão.

ESCRAVA PARA VENDER-SE

Vende-se por preço commodo uma escrava de 18 a 20 annos, que sabe lavar, cosinhar e engommar, e muito propria para roça por ser muito sadia e robusta. Quem quizer dirija-se á rua do Commercio n. 35, negocio.

ARMAÇÃO PARA VENDA

Na travessa do Collegio, n. 1, (esquina,) vende-se uma ainda não occupada.